

O silêncio

19/11/2010

Dom Eusébio Oscar Scheid – Arcebispo Emérito da Arquidiocese do Rio de Janeiro



Esta semana, vamos abordar um tema freqüentemente esquecido, sobretudo na sociedade moderna, onde o som e a imagem são como que onipresentes. Trata-se do silêncio. Existem diversos tipos de silêncio, mas o silêncio, em si mesmo, é negativo, porque nós fomos feitos para a fala. Então, a grande arte consiste em usar o tempo de reflexão para, posteriormente, preencher a nossa fala de maior conteúdo.

Evidentemente, é imprescindível saber calar diante de si mesmo, em determinados momentos, para se auto-analisar, avaliar as próprias atitudes e tomar decisões. Escolher é limitar-se. Se eu escolho isso, devo abrir mão daquilo. Portanto, para fazer uma escolha certa é necessária uma reflexão silenciosa, que leve em consideração todos os pontos de vista envolvidos.

A Sagrada Escritura nos dá diversos exemplos do silêncio. O silêncio primordial é o de nossos primeiros pais, após o pecado. A amizade de Deus, as normas que Ele tinha dado, a beleza do paraíso, nada disso os satisfez. Preferiram fechar-se em si e seguir o próprio caminho. O resultado foi a vergonha total e a perda de todos os dons extraordinários que tinham, principalmente a filiação divina.

E aí entrou o silêncio. Adão, quando viu o que havia feito, e Eva o acompanhou nisso, não fala mais nada. Foge, esconde-se, e não responde à interpelação divina (cf. Gn 3,8-10). Esse é o silêncio da vergonha e do fracasso, diante de tudo de extraordinário que tinham recebido, graciosamente, e jogaram fora.

O mesmo acontece com Caim. Quando Deus lhe pergunta sobre o irmão, ele responde: "Não sei. Sou porventura o guarda do meu irmão?" (Gn 4,9). Seu silêncio é uma forma de fugir da culpa pelo crime, cometido de maneira traiçoeira e covarde. Mas Deus não silencia. Chama-o à ordem, como chamou à ordem os nossos primeiros pais, e adverte-o sobre as conseqüências de seu gesto (cf. Gn 4,11-12).

Quando os israelitas deixaram o Egito, à procura do caminho da liberdade em direção a Canaã, tiveram atrás de si todo o exército de Faraó a persegui-los. E, defronte a eles, estava o Mar Vermelho. Anoitecia. Diante da balbúrdia de lamentações do povo, sobre o iminente fracasso de sua empreitada, Moisés, simplesmente, disse: "Não temais! Tende ânimo, e vereis a libertação que o Senhor vai operar hoje em vosso favor. O Senhor combaterá por vós; quanto a vós, nada tereis a fazer" (Ex 14,13a.14). Essa ordem do silêncio interior, da serenidade que vem da confiança em Deus, colocou-os disponíveis para acolher o auxílio divino, e puderam atravessar o Mar Vermelho a pé enxuto (cf. Gn 14,16).

Jesus foi o maior Mestre do silêncio. Durante toda a sua infância e juventude, por quase 30 anos, levou uma vida escondida em Nazaré, sobre a qual nada sabemos, a não ser que Ele era submisso à sua Mãe e ao seu pai adotivo, São José, com quem aprendeu um ofício para ganhar a vida (cf. Lc 2,41ss ; Mt 13,55). Mas um silêncio de 30 anos é algo que grita, que nos interroga. Por que isso? Ninguém jamais chegou a penetrar profundamente o que significa essa vida de Nazaré. Parece que Jesus se recolheu por 30 anos, para depois pregar nos 3 anos de sua vida pública, com maior intensidade, ensinando-nos o valor da quietude, do silêncio, do recolhimento, da

solidão fecunda.

Esse silêncio de Jesus continua, aprofundado nos 40 dias em oração no deserto, antes de começar a vida pública (cf. Mt 4,1-11). Depois, noites inteiras no silêncio, na contemplação das coisas eternas, como na véspera da escolha dos Apóstolos (cf. Lc 6,12-16), ou antes de se entregar à Paixão (cf. Lc 22,39-46). Silêncio, também, diante de Pilatos, em face das acusações de falsas testemunhas (cf. Mt 27,13-14); e diante de Herodes, a ponto de ser escarnecido pelo tetrarca e sua guarda (cf. Lc 23,8-11). Por fim, silêncio na própria sepultura, durante os 3 dias que antecederam a gloriosa Ressurreição. Esse silêncio fala muito forte, como, aliás, o silêncio das sepulturas sempre nos fala muito.

São Pedro experimentou o silêncio doloroso do arrependimento. Após a tríplice negação (cf. Mc 14,66ss), teve a sua noite mais terrível, na hora em que Jesus foi condenado. Depois disso, ele só podia chorar. Chorava, chorava, a tal ponto que se abriram sulcos de lágrimas em seu rosto, conforme nos conta a Tradição.

Nossa Senhora foi outra praticante do silêncio. Ela mais contemplava Jesus do que pedia explicações. Embora plenificada pelo Espírito Santo, sua inteligência humana não poderia abarcar o mistério da vida, da morte e da ressurreição do Senhor. Por isso, ela simplesmente acreditava, e "guardava todas essas coisas em seu coração" (Lc 2,51). O silêncio foi seu refúgio, também, nas horas mais difíceis: a falta de uma pousada em Belém, a fuga para o Egito, o sacrifício do próprio Filho, a saudade após sua ascensão ao céu. Ela só ergueu a voz para glorificar a Deus pelas maravilhas que Ele realizara em sua vida (cf. Lc 1,46-55). Mas, fora umas poucas frases curtas, como nas Bodas de Caná (cf. Jo 2,3.5), não nos ficou qualquer outra palavra dela.

Dentre as situações mais dolorosas, que o ser humano pode experimentar, está o silêncio dos desamparados, especialmente dos doentes. Deve ser terrível esse silêncio, imposto pela incapacidade de articular as palavras. Há também o silêncio daqueles que já não querem mais falar, tamanha a decepção que sofreram. E o silêncio solitário, dos que não têm com quem falar.

Um silêncio eloqüente é o das sepulturas. Basta termos fé na vida após a morte, que os túmulos adquirem um significado novo e transcendente, pela lembrança das pessoas que habitaram aqueles corpos já destruídos, mas cujas almas se encontram na eternidade.

Existe, também, o silêncio da emoção, quando alguém fica tão comovido que não consegue dizer nada, muitas vezes traduzindo as palavras pelas lágrimas que brotam dos olhos. Isto pode acontecer, por exemplo, quando se entra tão fortemente na presença de Deus, pela oração, que as palavras já não têm importância...

Por este motivo, não sou favorável a que se fale demais em qualquer ato religioso, sem dar lugar ao silêncio. O silêncio é necessário dentro da oração, dentro da liturgia, para que se possa aproximar mais a nossa vida e o nosso pensamento do pensamento do próprio Deus. Assim inspirados, somos capazes de expressar palavras cheias de sentido e de tomar decisões acertadas. Tornamo-nos, enfim, pessoas sábias